

SERMAÕ  
PANEGYRICO

DE ACÇÃO DE GRAÇAS

*Na solemne Festa, que pelas melhoras*

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

D. ANTONIO

FIZERAM OS SEUS CRIADOS NA REAL CAPELLA  
de N. S. das Necessidades, estando exposto o SS. Sa-  
cramento nas Purissimas Mãos da Senhora.

*DADO A' LUZ, E OFFERECIDO*

A SUA ALTEZA,

Por seu fidelissimo Criado

ROQUE BAUTISTA DE MIRANDA.

*P R E G O U - O*

OM. R. P. Fr. MANOEL RODRIGUES,

Da Regular Observancia do Patriarcha  
S. Francisco.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina SYLVIANA, da Academia Real.

---

M. DCC. XXXIX.

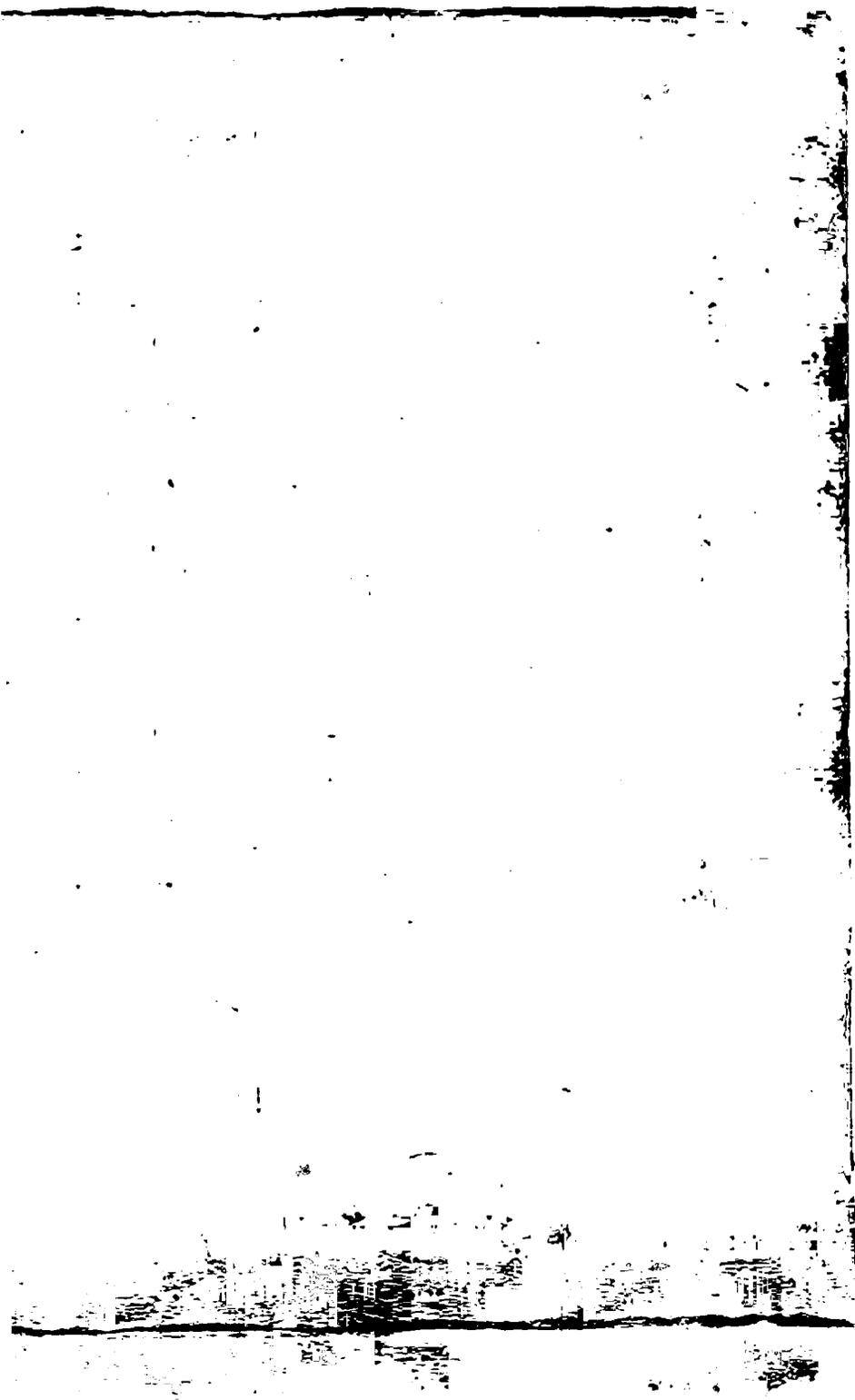
*Com todas as licenças necessarias.*

L. 3330

2/564

LP  
10  
75

LP  
252.04  
R696 ma



0

41

288

# SENHOR.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

**D**EDICO a Vossa Alteza  
o Panegyrico, que na execução  
do nosso voto recitou na Real  
Capella

3000

Capella da Senhora das Necessidades o Padre Fr. Manoel Rodrigues; porque incitando o universal applauso dos ouvintes o Real desejo de Vossa Alteza para o ver, desejamos todos, que na luz do prélo se tenhaõ por diminutos aquelles louvores, quando mereça o discreto, e eruditissimo Panegyrico, o Real agrado de Vossa Alteza. Justo foy, Senhor, que elegeßemos para sabio Panegyrista das nossas glorias, quem fino nos havia acompanhado nas penas; pois só quem participou com  
igual-

igualdade do nosso sentimento, podia explicar com acerto o quanto nos foy sensivel aquella dor. Vossa Alteza se digne receber a offerta como victima da nossa vontade obrigada; que algum dia haviaõ de ter que offerecer os servos a hum Senhor, que em todo o tempo reparte. E como he justo, que se imprimaõ no papel as circumstancias do Milagre, para que seja duravel a sua memoria; e se estampe nos nossos coraçõens a grandeza do favor para hum perpetuo agradecimento; satisfazem.

fazendo agora ao que conhece  
o nosso amor necessario, não  
faltaremos em todo o tempo ao  
que julga a nossa obrigação pre-  
ciso. Deos, e sua Santissima  
Mãe, guardem a Vossa Alteza,  
pelos annos, que todos desejaõ, e  
incessantemente pede o fidelissimo

*Criado de Vossa Alteza*

*Roque Bautista de Miranda.*

LICEN-

# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria, da Sagrada Familia dos Agostinhos Descalços, Lente na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relaçãõ Ecclesiastica Oriental.*

Faculdade de Filosofia

Ciências Exatas

Biblioteca Central

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

**N**ão necessita de approvaçãõ este egregio, famoso, e eloquente Panegyrico gratulatorio; porque antes que se recitasse, estava cabalmente approvado no objecto, no motivo, e no Orador. O objecto: a beneficencia Divina empenhada por huma Soberana Princeza, de cujas Mãos dispende Deos nas mayores necessidades os remedios. O motivo:

motivo: o agradecimento de hum' feis Criados, restituídos à vida na vida do feu Principe, e animadas as fuas almas nas milhoras do Serenissimo Senhor Infante. O Orador: Principe da erudiçaõ, e eloquencia, fenaõ he a mesma eloquencia, e erudiçaõ Cherubica, e Serafica: e quando concorrem taes circumstancias no Sermaõ, antes de o ver a luz publica, a Censura he ociosa por ser a approvaçaõ precisa.

Se foy preciso no Decreto Divino (que estes nunca saõ condicionaes) a fatalidade de taõ atroz molestia, e tyranna doença, para que Sua Alteza, que Deos guarde por immortaes seculos, conhecesse o amor dos Portuguezes, e comprovasse a fidelidade de seus amantes Criados; naõ he menos preciso asseverar seria arduo, e incrivel, se escolhesse para declamar taõ grandes misericordias, dignas de eternas gratificaçoens, hum Orador, que naõ unisse a eloquencia com a pureza da nossa Santa Fé, e a elegancia com o mais util aos bons costumes.

Costume he quasi universal em o Mundo ir desfalecendo com os alentos da vida nas infirmitades, e tribulaçoens, o amor, e agradecimento dos amigos, e criados, ainda  
os

os mais leaes, e favorecidos; porém os deliquios de sua Alteza incitavaõ, moviaõ, e despertavaõ universalmente nos coraçoes Portuguezes os clamores, e nos peitos da sua familia os suspiros, para impetrarem, conseguirem, e alcançarem da Piedade Divina as melhoras de achaque taõ maligno, a restituição da saude perfeita, e a conservação de huma vida, de quem tantas dependiaõ.

A todos ouviu o Ceo, porque se commoveo a Divindade a tantos rogos; pois tomaraõ por valedora na extrema necessidade aquella Senhora, a quem se naõ nega o que pede; porque tendo de Mãy os poderes, o seu pedir he mandar. Para restituir a saude do Mundo perdida, arruinada, e morta, mandou o Eterno Pay seu Filho; ao mesmo Filho mandou tambem a Mãy, para que se restaurasse a saude do Serenissimo Senhor Infante D. Antonio. Aquelle foy hum beneficio, com que estremeceraõ os Celestes Orbes; e esta foy huma merce, que fez pasmar toda a circumferencia da terra; e assim pedia hum agradecimento igual, e huma gratificação condigna, e só podia ser cantando Anjos humanos, e orando hum Serafim corporeo. Cheya de gloria vimos todos a nossa terra com aquellas

\*

melho-

melhoras , e com esta acção de graças ; porque na Corte , no Altar , no Pulpito , e no Coro se vio , e ouviu o mesmo , que tinha visto , e ouvido Ifaias.

Com grandes invejas de não ser eu o primeiro na execução de agradecido , assim como o tinha sido na intenção empenhado , fuy dos assistentes de tão glorioso acto ; e certamente à vista de tanto primor podiaõ desanimar os meus desejos cobardes , e suspende-remse os meus votos temerosos de não encherem todos os numeros das minhas inexplicaveis obrigaçoens , muitas , e infinitas vezes repetidas , e participadas na leal Familia dos NUNES ; mas persuadiome , e animoume a proseguir meus justificados designios , saber , que he axioma Filosofico , que o que he primeiro na intenção , deve ser ultimo na execução ; e que para louvar a Deos , e a sua Santissima Mãy por este favor maximo , e incomparavel , não bastaõ só Anjos , e Serafins imitadores dos do Emphyreo ; será tambem justo , e devido , que sayão os *Grillos* das cóvas em Boa-Hora a applaudillo , e festejallo com jubilo , e consolação.

Naõ póde faltar esta extremosa , ainda repetindo-se muitas vezes a lição destes discursos

curfos eloquentiffimos, que para fe immortalifarem no prélo, só falta a jufta licença de Voffa Eminencia Reverendiffima. Lisboa Occidental. Convento da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços, 23 de Julho de 1739.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

**V**ifta a informação, pode-fe imprimir o Sermaõ, que prégou o Padre Fr. Manoel Rodrigues; e depois de impresso tornará para fe conferir, e dar licença, que corra, fem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 24 de Julho 1739.

*Fr. R. de Alancaftre. Teixeira. Sylva.*  
*Soares. Abreu.*

Do

## Do Ordinário.

**P**Ode-se imprimir o Sermaõ, que se apresenta; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 24 de Julho de 1739.

*Gouvea.*

Do

# Do Paço.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das tres Ordens Militares, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza, &c.*

## S E N H O R.

**P**Or ordem de Vossa Magestade vi o Sermão, que o Padre Fr. Manoel Rodrigues, Religioso da Observancia de S. Francisco, pré-gou na occasiãõ, em que os Criados do Serenissimo Infante D. Antonio renderãõ as graças a Nossa Senhora das Necessidades pela saude de feu Amo. O alvoroço correspondeo ao fulto, e hum não podia ser mayor, se se medir pela grandeza do outro. As esperanças, que pareciaõ cegueira do amor, que tarde se costuma desenganar, passaraõ a serem as precursoras da vitoria da infirmitade. Nunca o amor se mostra mais valeroso, como quando se vê cercado dos mayores inimigos. Chegou  
aquella

aquella Real vida a taõ lastimoso estado, que esperar a sua melhoria, mais pendia de beneficio do Ceo, que dos remedios do Mundo. A Real benevolencia do enfermo fez oradores a todos os Portuguezes; e naõ se devia de esperar da piedade Divina, que se fizesse surda aos rogos de tantos, quantos eraõ os interessados naquella faude. A tudo attendeo a sciencia do Prégador, conhecido já pelo seu grande talento, porque ponderou todas as circumstancias daquelle evidentissimo perigo com Escrituras taõ proprias, que parecem inventadas: e quando elle naõ fora taõ erudito, como todos sabem, a mesma materia lhe havia de ministrar os conceitos; porque em hum motivo de geral alvoroço, naõ só os homens, mas ainda as mesmas pedras se haõ de mostrar obsequiosas, e eloquentes. E como neste papel naõ vejo cousa alguma contra o Real serviço de Vossa Magestade, me parece dignissimo da licença, que se pede para se haver de imprimir. Vossa Magestade mandará o que for mais do seu Real agrado. Lisboa Occidental. Nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 26 de Julho de 1739.

*D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular.*

Que

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental, 27 de Julho de 1739.

*Pereira. Teixeira. Costa. Doutor Coelho.*

**Está**

**E**Stá conforme com o seu Original. Lisboa Occidental, Convento da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços, 21 de Agosto de 1739.

*Fr. Antonio de Santa Maria.*

**V**isto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 21 de Agosto de 1739.

*Fr. R. de Alancastre. Sylva. Soares. Abreu.*

**V**isto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 21 de Agosto de 1739.

*Gouvea.*

**Q**ue possa correr. Lisboa Occidental, 22 de Agosto de 1739.

*Pereira. Coelho.*

*Beatus*

*Beatus venter, qui te portavit.* Luc. cap. 11.

Faculdade de Filosofia

Ciências Exatas

Biblioteca Central

SOBERANO, E DIVINO SENHOR SACRAMENTADO.

**A** O animado Templo das Necessidades, e ao vivo Centro das medicinas, vem hoje a render graças por hum milagre de faude, aquelles, que tambem sentiraõ as violencias do achaque. Sendo o temor cruel verdugo, que os martyrisava, naõ fugitariaõ o discurso ao rigor de tantas penas, porque sacrificando os coraçoes para os repetidos golpes do martyrio, deixaraõ livre o entendimento para discorrer remedio a tanto mal. Advertindo, como discretos, que para huma infirmitade, de quem desconfiavaõ Medicos humanos, era defacerto buscar no caduco a Medicina; naõ recorreraõ ao Templo

A

plo

Damaſcen.  
apud Villar.  
Taul. 2. did.  
4. fol. 83.

plo de Esculapio, que alli com dinheiro comprava o enfermo a faude; appellaraõ ſim para eſte Templo, que aqui com rogos tem remedio a infirmitade, por ſer eſta Senhora, como diz S. Joaõ Damasceno, o Centro das medicinas: *Fons perennis curationis, unicum moleſtiarum levamen, omnium dolorum cordium medicamentum.*

Paufan. lib.  
2. pag. 63.

Como ſombra da piedade deſta Senhora, venero huma ſuperſtiçaõ do cego Gentiliſmo. Dedicaraõ os antigos dous Templos, num conſagrado à Neceſſidade, e tambem à Violencia; ſendo prohibido aos neceſſitados, e afflictoſ a que pudeſſem penetrar as ſuas profanas aras: *Neceſſitatis, item & Violentiæ Templum ibi extat, quod ingredi non licet.* Superior porém àquelle Templo, eſtava outro dedicado à Mãe dos Deoſes: *Supra id Matris deorum Templum.* Para verdadeiro culto deſta puriſſima Senhora, e para viviſſima norma do ſingular motivo, que preciſa a noſſa obrigaçaõ a eſte Real agradecimento, parece ideou a Gentilidade aquella ſuperſtiçaõ fabuloſa. Reconhecemos todos os mortaes o Templo da Neceſſidade, e da Violencia, o qual

qual fabricando o primeiro Principe do Mundo com os materiaes da culpa, logo no seu principio experimentou ruinas. A todos nos he licito entrar naquelle Templo, porque a natureza, que a todos manda, a todos nos sacrifica nas suas precisas aras; ficando fugeitos ao penoso sacrificio o Principe mais soberano com o Vassallo o mais humilde. Mas oh disposiçaõ da Divina Providencia! Para impedir taõ anticipado sacrificio, e para reparar o damno, que havia de causar taõ intempestiva perda, vemos superior ao Templo da Necessidade, e da Violencia, este Templo da Mãy de hum Deos, para que sacrificadas aos seus soberanos pés as necessidades, rendidas igualmente as violencias, humanas, e outras se levantem melhoradas, e nesta acção de graças se prostrem agradecidas. E como a pena, que foy mais aspera, e dura para a paciencia, he mais doce, e suave para a memoria, como disse Seneca o Tragico: *Quod fuit durum pati meminisse dulce est*; e he justo expressar o motivo daquellas penas passadas, e a causa de tanta gloria presente, rogo me attendaõ.

A ii

No

No dia 24 de Abril, que, co no chegou a Lua ao Signo de Sagittario, nos ferio inconstante com agudas setras, ouvimos dizer, naõ com vozes de Isaias Proféta, sim com lagrimas dos mais nobres, e fieis Vassallos, que reconhecem todas as Naçoens aos seus Principes; ouvimos dizer (porque tambem fallaõ os olhos: *Neque taceat pupilla oculi tui*) que no Real Jardim de Lysia, cahira com perigo de morte huma bella Flor: *Cecidit flos, quia spiritus Domini sufflavit in eo.* Logo entendemos (se dava apena lugar a discursos) ser o Serenissimo Senhor Infante D. Antonio, porque: *Antonius dicitur ab Anthos, qui Latinè florem significat.* E se quando cahio enferma aquella flor do Libano, de quem falla o Proféta Nahum: *Et flos Libani elanguit,* se introduziraõ a sentimentos os montes, e os valles discorrendo com mudo instincto as tristes consequencias de taõ perigosa infirmitade: *Montes commoti sunt :: : Omnes habitantes in eo;* naõ direy, que os sete montes, em que está fundada esta rica, e populosa Corte, se commoveraõ sentidos, mas que todos os seus nobres habitadores se mo-  
viaõ

Jer. Thren.  
cap. 2. vers.  
18.

Isai. cap. 40.  
vers. 7.

Rodulph. in  
vita D. An-  
ton. Paduan.

Nahu. c. 1.  
vers. 4.

vers. 5.



viaõ sobre'altados: *Commoti sunt ab eo.* Enfermou a Serenissima Flor! *Flos elanguit!* E que flor? Aquella chamada Coroa Imperial, de quem conta Francisco Raulino, que destilla de si copiosas lagrimas, semelhantes em tudo às finas pedras Beryllos, lavrando dellas huma rica, e vistosa Coroa: *Corona Imperialis.* *Observat Franciscus Raulinus, quod floris huius medulla nativis lachrymis sit coronata, easque veluti liquidos, ac roscidos Beryllos destillet.* Sabem todos, que he o nosso Serenissimo Infante, flor por Antonio, e flor por Coroa Imperial; pois o seu Regio, e alto tronco o vemos coroadado de tantas Imperiaes Coroas, que seria offensa a tanta grandeza reduzir a numero taõ altos progenitores. Flor Imperial, que com lagrimas se corôa: *Quod floris huius medulla nativis lachrymis sit coronata;* ou já, porque no dia, em que o mayor Infante da terra se unio com o Supremo Rey da Gloria, recebendo o Santissimo Sacramento por Viatico, quiz duvidar a vista, se aquelle desejo do Proféta lacrimoso se via na Real cabeça bem logrado: *Quis dabit capiti meo*

Pic. Mund.  
symb. lib. 11.  
cap. 8. n. 43.

Jerem. c. 9.  
vers. 1.

*aquam, & oculis meis fontem lachrymarum?*

ou

ou porque recebe taõ benigno as lagrimas dos pobres, e faz dellas tanto apreço, que não se satisfazendo o seu amor com abrir sempre as mãos para soccorrer os necessitados, poem sobre a sua cabeça as lagrimas para se lembrar de novo socorro: *Quod floris hujus medulla nativis lachrymis sit coronata.*

Porém Deos, ainda que desejava levar para si aquella ditosa Alma, porque a vio purificada em hum vivo, e abraçado incendio de amor, e que os repetidos actos de Catholico na Regia Camera elevavaõ a chamma ao sublime Palacio da esféra, se vio obrigado a suspender o golpe da Parca, por não acabar com huma morte tantas vidas. Ouvio compassivo as nossas sentidissimas preces, e attende benigno às lagrimas dos fidelissimos criados do Serenissimo Senhor Infante, que com ardentes suspiros informavaõ a esféra da sua dor, para que mandasse remedio a tantas penas. Discorreraõ no triste lance, que se era officio da sua obrigação o servir a Sua Alteza nos gostos, e felicidades; era justo à companhalla nas penas, e amarguras: como bem ao intento o havia dito o Chrysofomo: *Officium*

*ficiam gra. famuli, est, non solum gratum esse domino, quando ubertim succedunt omnia; sed in adversis eandem gratitudinem declarare.* Prometteraõ a esta Purissima Senhora este reverente culto, que hoje offerecem, como rendida acção de graças, se ao Serenissimo Senhor Infante restituiffe logo a faude. A Senhora, que tem por officio focorrer os necessitados, e livrar de perigo os seus devotos: *Liberatrix eorum, qui in necessitatibus versantur, à Deo constituta;* a Senhora, que como Soberano Medico póde, e nos deseja restituir a faude: *Medica, quæ nos potest, & desiderat perfectè sanare;* a Senhora, que he Centro das medicinas da vida para extinguir ardentes febres: *Medicina vitæ, febres pellens mortalium, servans à ruina;* assegurou a Sua Alteza a faude nos principios da melhora, e livrou aos servos da morte, concedendo ao Senhor a vida. Sendo justo, que desta Senhora digamos, o que já disse o devoto Claudiano:

S. Joan. Chr.  
homil. 40.  
post med.  
col. 337. B.

Damasc. in  
Paracl. B.  
Virg.

Maurit.  
Sermon. 7.  
Coron. B.  
Virginis.

Idem lib. 3.  
de mirac. B.  
Virginis.

*Publica morborum Requies: commune medentium  
Auxilium: præsens Numen: inempta Salus.*

Por

D. Thom.  
quæst. 106.  
art. 2. in  
princ.

Por taõ singular beneficio offerecem hoje esta acção de graças, com singular proporção no que admiro, ainda que os seus nobres corações desconhecem igualdade ao que desejaõ. Porque se a acção de graças para ser perfeita, deve medir os officios da correspondencia pelo excesso do favor: *Ubi maior est gratia ex parte dantis, ibi requiritur maior gratiarum actio ex parte recipientis*; considerando no grande favor, que devem, parece aos seus olhos pequeno o nobre sacrificio, que fazem. E para breve desempenho de tanta gloria recorramos às brevissimas clausulas do nosso Euangelho.

Conta o Sagrado Euangelista S. Lucas, que admirando huma discreta matrona hum milagre de Christo, rendera graças a esta Purissima Senhora, chamando bemaventurado o seu Santissimo ventre: *Beatus venter, qui te portavit*. Venero o estylo, e modo de agradecer, porque dando graças à Mãy por hum milagre do Filho, he obrigar o Filho a que continue os seus prodigios. Porém reparo, que póde discorrer a ignorancia, naõ ser o milagre do Filho, quando saõ os louvores da Mãy.

Mã y. Respondo, que como he milagre de faude, e foy a Senhora quem deu ao Mundo taõ Soberano Medico para applicar aos necessitados enfermos Celestiaes medicinas, dá Marcella juntamente louvores ao Filho Divino, quando rende graças à Mã y Soberana.

O douto Padre Sylveira: *Videns mulier Christi beneficentiam in hominem, laudat eum in Ma-*

Sylv. addit.  
in Luc. cap.  
11. quæst. 4.

*tre sua :: Per Virginem Mariam enim, omnia nobis salutaria, ac benefica.*

Reparem agora no que diz Santo Anselmo, fallando com esta Purissima Senhora. Naõ ha faude

para os nossos achaques, senaõ aquella, que do voffo medicinal Ventre déstes, Senhora,

ao Mundo: *Non est salus, nisi quam tu, Virgo, peperisti: tu igitur, ò Maria, verè es Arbor*

D. Anselm.  
apud Bona-  
vent. specul.  
B. Virg. t. 6.  
pag. 457.  
l. B.

*salutis, quæ Mundo portasti fructum salutis.*

Este fruto, diz o meu preclarissimo Doutor S. Boaventura, he em tudo generoso, por

ser de hum ventre Real, naõ só por ElRey David, que sendo filho de Isay, he filho da

faude: *Isai, diz Laureto, juxta Gregorium, salus Domini, sive salus;* mas sim por todos

Laur. Sylv.  
Alleg.

os seus nobres, e Reaes Progenitores: *Generosus est fructus iste, quia de utero Regali est,*

D. Bonav.  
specul. B.  
Virg. t. 6.  
pag. 456.

B

non

*non solum propter David Regem, sed & propter omnes illos nobiles Reges progenitores suos.* No que claramente vemos fahir de hum Regio, e Bemaventurado ventre, a faude para hum Real Infante. E se Marcella para render graças por hum milagre de faude, ponderou primeiro a grandeza do prodigio, elogiando o Filho na virtude da Mãy: *Laudat eum in Matre sua*; ferá o meu empenho, referir as excellencias do nosso milagre, para que das suas circunfancias conheça o Mundo, que à Mãy, e Filho devemos a faude do nosso Serenissimo Infante; e que a Filho, e Mãy, devemos render as graças, por haverem com hum só milagre restaurado tantas vidas. E para que a minha grande, e conhecida obrigação se possa desempenhar em parte, necessito de todo o favor da Divina graça.

AVE MARIA.

*Beatus*

*Beatus venter, qui te portavit.*  
Luc. cap. I I.

2. I.

**P**ARECE pequeno volume toda a Es-  
critura Sagrada para ponderar com os  
seus Textos a grandeza deste maravi-  
lhoso culto, se os Juristas nos não ser-  
vem com as suas Leys para definir taõ reve-  
rente applauso. Os servos, diz Ulpiano,  
naõ devem antepor a sua vida aos desfaleci-  
dos alentos de seu Senhor: *Servi quoties Do-*  
*minis suis auxilium ferre possunt, non debent*  
*saluti eorum suam antepondere.* Quando vi-  
rem (prosegue) a seu Senhor em perigo, es-  
taõ obrigados a defenderlhe a vida, naõ só  
com vozes, para que acudaõ os distantes,  
sim com as forças do braço para credito do  
seu amor: *Non semper qui clamore usus est, au-*  
*xilium tulisse videtur. Quid enim, si cum posset*  
*manu depellere à Domino periculum, clamo-*  
*rem inanem elegit?* A defença, de que falla  
Ulpiano, parece desnecessaria ao nosso conhe-

Leg. cum  
alit. 1. ff.  
senatus con-  
sult. §. 28,  
pag. 748.

Ead. leg. §.  
34. pag. 749.

B ii cimen.

Pfalm. 81.  
vers. 6.

Rodulph.  
in vit. D.  
Anton. Pad.

cimento, pois vivendo o Principe taõ distante dos aggravos, parecem ociosas as armas, quando he poderosa guarda a immuidade do respeito. Porém no nosso caso, como he natural, que aquelles Principes, que saõ Deos na terra: *Ego dixi Dii estis*, cheguem a acabar como homens: *Vos autem sicut homines moriemini*; vendo os illustres, e humildes servos, (se fervendo a taõ grande Principe se naõ elevaõ todos a nobres) vendo ao Serenissimo Senhor Infante em perigo evidente de vida, deraõ vozes, e muy altas; porque os nobres Sacerdotes Antonios, dignissimos Capellaens de Sua Alteza, com sentidas preces, e vinte e dous criados do mesmo nome, com Oraçoens devotas, subiraõ as suas vozes taõ alto, porque: *Antonius est altitonans*, que obrigaraõ o Ceo a milagres, porque no Ceo se ouviraõ os clamores. Os mais tambem foraõ ouvidos, porque havendo semelhança no sentimento da dor, com que receavaõ a perda, naõ eraõ distinctas as vozes para sollicitar remedio ao mal. Isto he defender a seu Senhor com vozes, mas este reverente culto nos diz, que tambem o defende-

fenderão com mãos; porque se, como affirma o meu Serafim Boaventura, na verdadeira acção de graças, para ser perfeita, devemos louvar a Deos com vozes, com jubilos, e obras: *Gratiarum actio est omnia bona à Deo data scire, atque pro eis eum laudare corde, voce, & opere*; estas sonoras vozes, estes alegres jubilos, e este sumptuoso apparatus, dizem, que guarde Ulpiano os seus Textos, pois tendo este Real agradecimento contrario impulso, deve obediencias a outra distincta ley.

Bonav.  
opusc. de  
Proces. Re-  
lig. cap. 7.

Aquellas vozes, que subirão tão alto, fizeraõ, contra a ordem dos tempos, que no dia quatro de Mayo sahisse o Sol do Signo Celeste de Virgem; porque este foy o dia, em que, para a faude de hum Infante humano, sahio das mãos da Senhora aquelle Infante Divino. Como só o Signo de Virgem se pinta com azas, a Senhora as deu ao Menino para que fosse voando; pois lembrando-se, que trouxera a medicina nas azas para a infirmitade de todo o Mundo: *Orietur vobis Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus*; não era bem deixasse de vir voando para remedio de  
huma

huma vida, que importa mais, que o Mundo todo. Aqui com animosa fé, discorrerão logo aquelles coraçoes afflictos, que vindo o Medico Divino a curar o enfermo Infante, era certo indicio de melhora, como affirma Santo Agostinho: *Ubi homo ægrotat (ubi homo! Sim, para que se lembrem os Principes, que são homens) & Deus curat, magnum janitatis, & pietatis indicium est.*

D. Aug. sup.  
Psalm. 147.  
tom. 8. pag.  
1173. lit. A.

Ainda que o Menino sabia, que as portas daquelle Real coração nunca estiverão fechadas, porque no ingresso dos pobres as reconheceo sempre abertas: *Quamdiu fecistis uni de his fratribus meis minimis, mihi fecistis;* com tudo pedio, que lhas abrissem, offerecendo por causal, que trazia a sua cabeça coroada com aquella Celestial medicina, que chora a esféra sobre as flores, para lhes mitigar na noite as ardentes febres do dia: *Aperi mihi :: : quia caput meum plenum est rore, & cincinni mei guttis noctium.* A não ser singular mysterio, lhe chamara eu obscuro enigma. Pois não fora melhor pedir, que lhe abrissem a porta por ser Medico, sem fazer memoria daquelle medicinal foc-

Matth. cap.  
23. vers. 40.

Cântic. c. 5.  
vers. 2.

soccorro, que costuma mandar o Ceo para refrigerio das flores? Ora digo, que nesta amorosa supplica quiz declarar o Menino, que para remedio da infirmitade trazia na cabeça a medicina: com singular fortuna minha o disse o doutissimo Ghislerio: *Per ros, quo caput Dei est plenum, significari salutem ex eo.* Porque confôrme a Versão do Setenta, no capitulo vinte e seis de Isaias, diz o citado Author, era aquelle doce orvalho huma efficaz medicina para os enfermos: *Quod juxta Versionem Septuag. ros, qui à te est illis curatio.* E quem não dirá, que das virtudes do nosso Serenissimo Infante fez Christo medicina para curar a infirmitade? Sim, e reparem como. O Medico Menino pedio, que lhe abrissem a porta, porque as lagrimas do enfermo, a quem vinha dar faude o seu amor, as trazia por coroa na sua Divina cabeça. Tudo parecem mysterios, mas he o que diz o doutissimo A Lapide, citando o Caldeo: *Quoniam capilli capitis mei pleni sunt lachrymis tuis.* O que supposto, notem. He o nosso Serenissimo Infante flor por Antonio, e he a flor chamada Coroa Imperial, como

Ghisler.  
cap. ut supra pag.  
712.

A I.ap. in  
Cantic. c. 5.  
de Christ. &  
Anim. Sanct.

como fica dito no principio do meu exordio; ou como Real descendente da Augustissima Casa de Austria, ou pela semelhança, que se admira entre huma, e outra flor. Da flor Coroa Imperial diz Francisco Raulino, que com lagrimas se corôa: *Quod floris hujus medulla nativis lachrymis sit coronata*: da nossa Serenissima Flor dizem tambem os pobres, que fazendo as suas lagrimas proprias, pelo amor, com que as recebe, as poem por coroa na sua Real cabeça; pois he prova evidente, que alli se firmão os memoriaes, que offerecem de lagrimas, aquelle continuado soccorro, que nas esmolas recebem. He pois Christo Divina Flor, que plantou o Padre Eterno no campo Virginal de Maria: *Ego flos campi*. E para mostrar aos nossos olhos o quanto estima aquella singular virtude da sua Flor Coroa Imperial, que fazendo suas as lagrimas dos pobres, se corôa das mesmas lagrimas; se vestio o seu amor destas virtudes para vir curar a Palacio: *Ego flos campi. Aperi mihi. Quoniam capilli capitis mei pleni sunt lachrymis tuis*. E como a semelhança seja causa do amor, venceo o amor hum  
 impos-

impossível, porque fez medicina das lagrimas:  
*Per ros, quo caput Dei est plenum, significari salutem ex eo.*

Admirado Sua Alteza com estas semelhanças, recebeu o Menino nos seus ditos braços, e, com incomparavel resignação na vontade Divina, se sacrificou rendido, a quem amante o buscava, dizendo com a Alma Santa, em sentir do mellifluo Bernardo: Vós, Senhor, vos daes a mim porque sois benigno, e misericordioso; eu, Senhor, me dou a vós, porque a tão alto beneficio não he justo ser ingrato: vós, Senhor, para me livrarem benigno destas penas, eu para cuidar zeloso da vossa honra; vós, meu Menino, para me daes faude, e para viver fugeito à vossa vontade: *Ille mihi quia benignus, & misericors est: ego illi quia non sum ingratus. Ille meæ liberationi: ego illius honori. Ille salutis meæ: ego illius voluntati.* Reconhecendo o Menino no abraço, que o nobre incendio do Regio peito se via opprimido com os impacientes ardores da maligna febre, procurou extinguir a voraz chamma, porque sentia o seu amor o penoso estrago; pois fa-

C be

S. Bernard.  
 Serm. 68. in  
 Cant.

be Christo transformarse nos males, para sentir como amante, o que padece o enfermo amado. Nunca mais opportuno o Capitulo oitavo de S. Mattheus.

Pondera a clemencia de Christo curando todos os enfermos, que recorriaõ por faude ao tribunal da sua piedade, e explica o favor Divino com estas mysteriosas clausulas:

Matth. c.8.  
vers. 16.

*Omnes malè habentes curavit*, (notem o *curavit*) *ut adimpleretur quod dictum est per Isaiam Prophetam dicentem: Ipse infirmitates nostras accepit, & ægrotationes nostras portavit.* Curou Deos os nossos achaques; e para que se cumprisse o que havia vaticinado Isaias, recebeo tambem as nossas infirmidades. Raro mysterio! S. Mattheus, diz que curou: *Omnes malè habentes curavit*; Isaias affirma, que recebera: *Omnes infirmitates nostras accepit!* He certo. Pois se corre tanta distincão entre o curar a doença, e receber a infirmitade, como cura, e recebe? Respondo, que corre muita distincão entre os doentes, e os Medicos humanos, mas nenhuma corre entre os enfermos, e o Medico Divino. O Medico humano recebe., e cura, porque curando

curando poucas vezes a infirmitade, sempre que cura, abre a mão para o que recebe. (Aparto deste discurso os scientificos Medicos, que assistirão a Sua Alteza, pois devendo eu a hum delles a faude em huma perigosa infirmitade, reconheço nos mais a mesma caridade, e acerto, como nobres professores de tão sublime Arte.) O Medico Divino, porém, para fazer os males proprios, cura, e recebe a infirmitade: *Curavit, accepit.* O Medico humano só com tomar o pulso, recebe o que não cura; o Medico Divino tomando o pulso, cura o mesmo, que recebe: *Curavit, accepit.* Ao Medico humano o arrastra o interesse; ao Medico Divino o movem as paixões: *Omnes Medici pecuniis, Deus autem noster pura oratione ad conserendam sanitatem placatur.*

S. Laurent.  
Just. cap. 2.  
de Orat.

Transformado assim o Medico Divino no nosso Serenissimo Infante, ou por aquella semelhança entre huma, e outra flor; ou porque curava, e recebia a infirmitade: *Omnes malè habentes curavit, infirmitates nostras accepit*, houve por bem ficar na Regia Camera, quando lhe vem estreito o Palacio da

Gloria, fugeitando-se o seu amor a curar só a infirmitade, para que vissemos, como affirma Verino, que nunca se cura o achaque, quando faõ muitos os Medicos:

*Impediunt certam medicamina crebra salutem:  
Non plures Medici, sed jatis unus erit.  
Nunquam (crede mihi) à morbo curabitur æger,  
Si multis Medicis creditur una febris.*

No Palacio dos Reys costumaõ haver tres Medicos, que devem velar cuidadosos nas molestias dos Principes; porque como altos descendentes do primeiro Rey do Mundo, tambem na sentença de morte os comprehende a infirmitade da vida. Entre estes costuma haver hum superior aos mais na sciencia, o qual se intitula Principe dos Medicos: *Sunt in hoc officio tres ordinarii, & quilibet ordo habet unum, summum Medicum, & superiorem, qui vocatur, Princeps Medicorum.* Logo justo era, que aos Medicos da Camera preferisse o Medico Menino; pois só quem he Deos das medicinas, se deve intitular Principe dos Medicos; porque estes da sua sciencia

Cassan. Catalog. Glor. mund. p. 6. conf. 12.

cia appellaõ para a virtude das plantas; o Medico Divino recorre à virtude das suas palavras: *Medicus dicitur Christus Salvator noster, qui curat verbis, non herbis.* Mas entendendo, que nesta occasiaõ curou Christo a infirmitade de huma Flor humana com a fragancia de Divinas flores. Já que o milagre do Euangelho foy de hum ventre Bemaventurado, vamos a buscar o nosso milagre ao Bemaventurado ventre.

Diz a Espõsa nos Cantares, Imagem desta Senhora, que o seu leito he hum jardim florido: *Lectulus noster floridus.* Porém se nunca admite descanço o seu amor, como tem taõ exaltado o seu leito? Para que o Medico Christo da virtude das flores faça medicinas para as nossas infirmitades. O leito, em que Christo nove mezes descançou, foy o ventre Bemaventurado de Maria: *Lectulus, in quo Christus novem mensibus requievit, et quasi dormivit, fuit uterus Beatæ Virginis.* Deste ameno Jardim, que com mil graças plantou o Altissimo, sahio Christo, Divina Flor, para applicar aos necessitados enfermos Celestiaes medicinas. As flores, diz Hugo Victo-

Lauret. Syl.  
Alleg.

Cant. c. 1.  
vers. 15.

Guiliel. Par.  
apud A La-  
fid. in Cant.  
cap. 1. v. 6.

Hug. Victor.  
Mitol. 2.

Victorino, nos communicãõ a suavidade da fragrancia, offerecem a belleza dos frutos, e recreaõ o gosto com o doce do favo: *In itaque est mellificatio, ex flore fructificatio, ex flore favus, & fructus.* E parecendo pouco para a Divina Flor, de quem fallo, accrescento, que destas flores nasce para os enfermos a medicina, e desta medicina o beneficio da saude: *Si parva sunt, ista addo: quòd ex hoc flore medicamenta, ex hac medicina sanitas Jempiternæ incorruptibilitatis.* Oh Flor Divina, ò quanto podes! Oh Medicina Soberana, e ò quanto aproveitas! Oh Jardim Bemaventurado, como saõ virtuosas as tuas flores! Oh flor milagrosa, pois saõ medicinaes as tuas fragrancias! Daquelle Jardim materno disse o Esposo, e juntamente Filho. que estava guarnecido de candidas assu.

Cant. cap. 7. *nas: Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis.* Porque assim como a assucena tem singular virtude para mitigar as dores, e extinguir as febres, como diz Ricardo de S. Lourenço; assim a Purissima Senhora nos soccorre, e fortalece nas nossas tribulaçoens, e perigosas infirmitades: podendo dizer o necessitado

cessitado Infante, com o Rey penitente: A medida, Senhora, das minhas dores, me veyo o soccorro das vossas medicinas: *Sicut liliū dolores mitigat, & ardores extinguit, sic Maria precibus suis mitigat dolores animæ, consolationes gratiæ transfundendo in eam, ut ei verissimè possit dici: Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tuæ, ò Maria, letificaverunt animam meam.*

Richard. à  
S. Laurent.  
lib. 2. de  
laudib. Vi

Arrastrava a Corte de Jerusaleem sentimentos por lutos, pois desprezando as medicinas na violencia do achaque, se multiplicavaõ as dores, por naõ ter remedio a infirmitade: *Dolor meus super dolorem.* No monte de Galaad lhes advertia o Proféta, que havia balsamo para as chagas, e havia Medico para as febres: *Nunquid resina (nunc baljamum, verte o Chaldeo) non est in Galaad, aut Medicus non est ibi?* Mas sendo declarado frenisi o ensurdecer na febre aguda, como diz Hyppocrates: *In acuta febris aures surdescere furiosum est;* como naõ ouviraõ as vozes do Proféta, ficou sem remedio o seu mal. Distincta era a infirmitade da nossa, pois procedendo aquella do veneno de idolatrias,

Richard. à  
S. Laurent.  
lib. 2. de  
laudib. Vi

Jerem. c. 8.  
vert. 18.

trias, negando o culto ao Sagrado; nesta populosa Corte resplandece tanto o reverente culto ao Divino, que se he Roma a Cabeça do Mundo, he hoje Portugal huma nova Roma. Mas sendo taõ distinctas as causas, corriaõ femelhança os effeitos. Todos diziamos: *Dolor meus juper dolorem*. Sobre a dor de ver enfermo o nosso Serenissimo Infante, cresce outra dor, porque naõ lhe aproveitaõ as medicinas. Pois vamos a Galaad, vamos a buscar balsamo para defensivo da vida, e naõ para ornato do corpo, como discorria, naõ sey se a pena, se a ignorancia. Vamos a esse monte por Medico: *Aut Medicus non est ibi?* que ouvindo os nossos clamores, ha de correr o balsamo, ha de voar o Medico para applicar a medicina: *Nunquid balsamum non est in Galaad, aut Medicus non ibi?* Mas parece ouço dizer, que sendo Maria o puro, e delicioso balsamo, como affirma Ricardo de S. Lourenço: *Balsamum, non mixtum, sed purissimum, quia nunquam habuit contrarietatis mixtionem*; naõ curou o balsamo, porque ficou neste Real sitio a Senhora; curou sim o Medico, pois foy para Pala-

Richard. à  
S. Laurent.  
lib. 12. de  
laud. Virg.

Palacio o Menino. Ora digo, que se Marcella louvou o milagre do Filho na virtude da Mãy : *Videns Christi beneficentiam in hominem , laudat eum in Matre sua.* Demos graças à Soberana Mãy na Divina virtude do Filho. E reparem como.

Fez o Esposo hum vivo retrato das perfeiçoens da Esposa , e sendo justa a correspondencia, retratou a Esposa a formosura do Esposo. E he certo, que nos rasgos do pincel andou a Esposa mais advertida, porque retratando com miudeza as perfeiçoens todas do Esposo , não retratou o Esposo as mãos da Esposa. Parecendo descuido da primorosa arte, foy sábio destino da alta Providencia. Retrata a Esposa, he verdade, as mãos do Esposo, mas não retrata o Esposo as mãos da Esposa; porque sendo o Esposo Christo, e sendo Maria a Esposa, feria ocioso retratar-lhe as mãos, quando estas se viaõ no mesmo retrato do Esposo : não só porque as medicinas para os nossos achaques as manda Deos por mãos de Maria, não podendo distinguir a nossa fé, que mãos nos fazem o favor; mas tambem porque Filho, e Mãy se

D

iden-

S. Petr. Da-  
mian. Serm.  
1. de Nativ.  
B. Virg.

identificaõ para naõ haver defemelhança na linha dos seus favores: *Habitat Deus cum Virgine, habitat cum illa, cum qua unius nature habet identitatem.* O que supposto naquelle modo, com que o devemos entender, notem.

Plin. apud  
Cast. illat.  
19. num. 5.  
fol. 289.

As mãos do Esposo diz a Esposa, que estavaõ cheyas de jacinthos: *Manus ejus :: plena hyacinthis.* O jacintho, em quanto preciosa pedra, tem a singular virtude de dar vigor aos espiritos, provocar o enfermo a somno, apartar do coração a tristeza, e servir de medicina ao mal contagioso: *Dat vigorem membris, somnum provocat, tristitiam fugat; & qui illum fert, pestilentia non inficitur.* Este he o jacintho em quanto pedra preciosa; e o effeito destas virtudes o experimentou o nosso Serenissimo Infante nas mãos do Menino Esposo. O jacintho em quanto flor, sabem os eruditos, que tem nas suas folhas escrito hum *Ay: Hyacinthus est flos coloris violacei; ita discurrentibus venis, ut figura Græcarum litterarum Ai legatur inscripta.* O Medico Soberano, que naõ se satisfez o voffo amor com levar nas mãos a confeiçaõ dos jacinthos

Vieg. in A-  
poc. cap. 9.  
comm. 3.  
Sect. 5.

cinthos para curar a infirmitade, sem mostrar, que recebestes os ays para a promptidão do remedio. Chegou pois o Medico Divino, e tomando o pulso com ays, às compaixoens da queixa se seguiu remedio à infirmitade. E quem não dirá, que nestes bellos jacinthos estava tambem Maria? He certo: porque affirma o meu doutissimo Carthagena, haver certa especie de jacinthos, que nas suas folhas debuxou o Author da natureza huma Soberana Rainha, porque com mysterio coroada: *In quodam flore, mirabili hyacintho, mulier turribus coronata.* Logo quando voa o Medico de Galaad a curar o nosso Serenissimo Infante, corre tambem o balsamo como Imagem de Maria; porque sendo humas mesmas as mãos para a virtude da medicina, não são distinctos os Authores para o beneficio do milagre: *Manus ejus plenæ hyacinthis. Habitat Deus cum Virgine, habitat cum illa, cum qua unius naturæ habet identitatem. Nunquid balsamum non est in Galaad, aut Medicus non est ibi?* E que para huma, e outra virtude, e para humas, e outras medicinas de Filho, e Mãe, appellasse Sua Al-

D ii

teza,

Carthag. in  
Mar. lib. 1.  
hom. 14.

teza, quando, com intima dor dos fabios Medicos, sentenciado à morte, se prova com evidencia.

Adoece a flor Gyrafol com malignas febres no Real jardim das flores, imitando naquelle circulo da dourada coroa o resplendor do Sol, que lhe deu vida. E ao cahir em tristes desmayos, porque o permite o Sol com os feus retiros, diz de si em pluma de Picinelo, que enfermado com sinaes de morte, porque se inclina para o Occaso, espera no Oriente do Sol receber alentos para a vida: *Heliotropium, languente capite, vultu in Solem occiduum converso, epigraphen habet: CUM SOLE RESURGAM.* Na perigosa infirmitade, que padeceo o nosso Serenissimo Infante, Flor, que gyra com o Sol, porque segue amante os passos da sua luz; appellou para o Oriente de Maria, que he o seu ventre Bemaventurado, porque alli nascendo o Sol com medicinas: *Orietur Sol, & sanitas,* havia de ter remedio a infirmitade, levantando-se com o mesmo Sol agradecido: *CUM SOLE RESURGAM.* Para prova daquella firme esperanza, consultemos a infirmitade de hum Principe. En-

Picinell. l. II.  
num. 75.

Enfermou com perigo de morte o Principe Ezechias, e para obrigar o Ceo a milagres, pedio, e rogou ao Sol Divino, se lembrasse daquelle puro, e Real affecto, com que sempre o havia seguido, obrando em toda a sua vida, o que conhecia ser do seu agrado:

*Obsecro ergo, memento quæso, quomodo ambulaverim coram te in veritate, & in corde perfecto, & quod placitum est coram te, fecerim.*

4. Reg. cap.  
2c. vers. 5.  
& seq.

Ordenou Deos ao Proféta Isaias, que visto saber o que custavaõ os ays, viesse a curar quem se estava queixando. Entrou o Proféta Medico à Real Camera do Principe, e assegurandolhe a faude para a infirmitade, lhe prometteo quinze annos para a vida:

*Ecce janavi te, & addam diebus tuis quindecim annos.*

E qual he o final, perguntou o Principe enfermo, com que heide acreditar a merce da faude, e o favor da vida prolongada:

*Quod erit signum, quia Dominus me sanabit?*

Quereis, diz Isaias, que, contra a natural ordem, corra o Sol dez linhas para o Occaso, ou que as retroceda para o Oriente:

*Vis ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?*

Que corra para o Orien-

Oriente diz o enfermo, como em figura do nosso caso: *Ut revertatur retrorjūm decem gradibus.* Porque se o Sol no Oriente, onde nasce, tem para os enfermos medicina; não quero carreiras para o Occaso, que ainda com milagre são sombras da morte: quero voos para o Oriente, que são esperanças para a vida: *Ut revertatur retrorjūm decem gradibus.*

Para o Oriente do Sol appellou o Principe Ezechias, e com singular mysterio. He o Oriente do Sol a luzida Aurora, e he a Aurora expressa Imagem de Maria. Daquelle Oriente sahio à luz o Divino Sol, cheyo de remedios para os nossos achaques, porque he a Aurora toda medicinas; como disse desta Senhora o meu Fr. Bernardino de Bustos, seu especialissimo devoto: *Aurora, per quam infirmi recipiunt animæ, & corporis sanitatem.* Pois venha, corra, e retroceda o Sol para o Oriente, diz Ezechias com firme esperança, e animosa fé: *Ut revertatur retrorjūm decem gradibus.* E quando com o Sol me levante: *CUM SOLE RESURGAM*; qual flor Gyrafol, que segue amante a sua luz, como já

Bernardin.  
de Bust. Ser.  
2. de Affi-  
milat. B.  
Mar.

já representey ao mesmo Divino Sol: *Memento, quæjo, quomodo ambulaverim coram te in corde perfectõ*; tantas graças darey ao Oriente, que deu medicinas ao Sol, como ao Sol, que dá faude no Oriente: *Ut revertatur retrorsum decem gradibus*. Logo ao Oriente do Sol, e ao mesmo Sol, porque a Christo, e Maria, deve a nossa obrigaçãõ a faude de Sua Alteza; e ao mesmo Sol no Oriente devemos render muitas graças por taõ alto beneficio: imitando a devota Marcella, que por hum milagre de faude rendeo graças ao Filho, elogiando juntamente a Mãy: *Beatus venter, qui te portavit. Videns Mulier Christi beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre sua*. E este segundo empenho he a necessaria consequencia do nosso assumpto.

2. II.

**D**Iz o Proféta Isaias, que no Monte de Siaõ, e populosa Corte de Jerusalem, se ouviriaõ altas vozes de louvor, e que com excessivo gosto, e alegria se havia de celebrar huma acção de graças: *Gaudium, & letitia*

*inve-*

Isai. cap. 51.  
vers. 3.

*invenietur in ea, gratiarum actio, & vox laudis.* Porém se todo o agradecimento suppoem favor, qual seria o favor para aquelle agradecimento? Hum milagre de saúde, diz Ibi. vers. 6. Deos pelo seu Proféta: *Salus autem mea in sempiternum erit.* E quem não dirá, que foy aquella acção de graças hum crystallino espelho, no qual contempla este agradecimento a sua especial formosura? He certo. O gosto, e alegria, com que tão nobres coraçõens se unirão para este reverente applauso, se deixa bem ver nestas finas demonstraçoens: *Gaudium, & lætitia invenietur in ea.* As vozes de louvor, ou são as de Marcella: *Extollens vocem quædam mulier;* ou a doce, acorde, e suave harmonia, com que a Christo, e a tua Santissima Mãe se cantão hoje as glorias: *Et vox laudis.* E todo este gosto, e alegria, sonoras vozes, e reverente applauso, sumptuosa pompa, e maravilhoso culto, contaõ, e dizem de si, que compoem huma acção de graças: *Gaudium, & lætitia invenietur in ea gratiarum actio, & vox laudis.* E de novo pergunto: quem move estes coraçõens para tão rendido sacrificio? A melhora de huma infirmida.

midade, e a certa esperança de huma faude promettida: *Salus autem mea in sempiternum erit.* Esperança certa, disse? Sim. Porque se Deos nos pede a acção de graças, para que obrigada a Divina correspondencia se digne o seu amor continuar beneficios, como affirma o Chrysofomo: *Ut per illam ipsam gratiarum actionem ad ampliora danda provocetur;* não devemos desconfiar da promessa da faude, quando nesta rendida acção de graças obrigamos o seu amor a finas correspondencias.

Chryf. hom.  
32. in Gen.

He Maria o sublime, e elevado Monte de Siao, no qual se dignou habitar o Creador do mesmo Monte: *Mons Sion, & pinguis, in quo beneplacuit Deo habitare.* A este Monte, e a quem nelle habita, porque a Christo naquellas purissimas Mãos Sacramentado, se rendem hoje muitas graças por favores infinitos. E sendo divida da nossa obrigação imitar a Marcella nos louvores, he justo tambem, que a imitemos no affecto. Porque, como diz o douto Padre Villarroel, se desejamos ter a Senhora propicia para os nossos achaques, soccorrendonos sem demora nas nossas tribulaçoens; he necessario elogiar o

Andr. Cret.  
Orat. 3. de  
Dormit. B.  
Virg.

E seu

Villar. Tau-  
tol. 6. Did.  
18. num. 1.

seu alto merecimento , louvando com inti-  
mo affecto as suas grandes prerogativas: *Sem-*  
*per laus nostra prompta, & Virgo semper be-*  
*nefica; quæ dum illa lingua laudat, animas*  
*pretiosis muneribus continuò ditat.* Imitemos

tambem ao Principe Ezechias, que com fer-  
voroso affecto , e profunda veneraçãõ, subio  
de pressa ao Templo a render graças ao Me-  
dico Diviño , porque em huma infirmitade  
de morte , lhe deu mais annos para a vida :

Lyra in lib.  
4. Reg. C. 20.

*Et sic Ezechias ascendit in Templum ad reddend-*  
*um gratias de sua sanatione.* E se todos sen-  
timos como propria a infirmitade , imitemos  
ao nosso Serenissimo Infante quando enfermo,  
naquelle incomparavel resignaçãõ , e figamos  
os seus passos quando melhorado , naquelle  
Real agradecimento.

Na infirmitade ou anticipava Sua Alteza  
as graças ao beneficio da melhora , ou se mos-  
trava agradecido ao martyrio da infirmitade;  
porque repetidas vezes dizia ao seu Medico  
Menino: *Senhor, se he vontade vossa, que eu*  
*padeça estas dores, muitas graças vos dou pelo*  
*tormento, que passo.* Oh nobre espirito, que  
enamorado da chamma, não sentes o abraçar-  
te!

te! Nesta amorosa resignação imitou S. Alteza ao meu Serafim Patriarcha, querendo como amante, e Real filho, seguir o exemplo de taõ Santo, e illustre Pay. He certo: porque naquellas dores, que algumas vezes padecia, como achaque proprio de homem, e naõ por castigo de culpado, lhe ouviaõ dizer: Muitas graças, Senhor, vos dou por estas dores, que sinto; e se he vòntade vossa, que eu assim padeça, multiplicay para mayor tormento as penas, e affligime com novas dores; porque vendo satisfeita a vossa vontade, he que podem ter alivio os meus tormentos. Naõ ignoro, que o dizem os Chronistas da minha esclarecida Ordem; mas cito ao doutissimo Padre A Lápide, por deverem os voos daquelle abraçado Serafim singular estimação à sua elevada penna: *Gratias tibi ago, Domine Deus, de omnibus his doloribus meis, teque, mi Domine, rogo, ut centuplum, si tibi placuerit, addas, quia hoc erit mihi acceptissimum, ut affligens me dolore, non parcas, cum tuæ Sanctæ voluntatis adimpletio, sit mihi consolatio superplena.* Estas eraõ as graças, que dava o nosso Serenissimo Infante,

A' Lap. in  
Eccl. c. 38.  
verl. 9.

E ii

quan-

D. Aug. sup.  
Psalm. 32.  
ant. med.  
vers. 3.

quando enfermo, ajustando-se tambem ao conselho de Santo Agostinho, pois diz, que devemos dar graças na prosperidade da saude, e nas tribulaçoens da infirmitade: *Discite gratias agere Deo in prosperitatibus, & in tribulationibus.* E sendo estas as graças no tormento da infirmitade, vejamos as graças, que deu no gosto da melhora; para que te guindo a nossa obrigação os seus passos, seja hoje completo o nosso agradecimento.

Picinel.  
Mund.  
Symb.  
lib. II.

A flor Gyrafol, quando o Sol lhe restitue a saude, agradecida se converte no resplendor da sua luz, com esta letra: *AB ILLO PENDENS, IN ILLO ORA CONVERTO*; viva imagem de huma Alma Santa, e devota, que pelas graças, que tem recebido do Sol Divino, toda se dedica em acção de graças ao mesmo Divino Sol: *Animam Sanctam hic typus describit, quæ gratias à Deo acceptas in memoriam revocans, vitam suam omnem in suis obsequiis devovet.* Não necessitando o nosso Serenissimo Infante de preceitos, porque todos os passos da sua ajustada vida são Reaes agradecimentos ao favor do Divino Sol, recebo como aviso, o que

que escreve S. Paulo por conselho: *Ut ambuletis dignè, Deo per omnia placentes.* Os Colof. cap. 1. verí, 10. passos da flor melhorada devem sempre buscar ao Divino Sol, e ao Oriente, donde nasce, que he a luzida Aurora; porque este nobre sacrificio he huma verdadeira acção de graças pelos favores recebidos: *Ut ambuletis: hoc est, glorificare Deum, gratias agere Deo.* D. Aug. ibi. Serm. 21. de Diverf. c.4. *Quis autem gratias agit Deo, nisi, qui sursum cor habet ad Dominum?* Para esta Real Capella, Throno, em que preside a Senhora das Necessidades, Aurora, de quem nasceo o Divino Sol de justiça, inclinou Sua Alteza o Real coração, mostrando-se com o Sol agradecido. Veyo logo, como El Rey Ezechias, ao Templo; e aqui prostrando-se, como humilde Vassallo, a quem reconhece o seu amor por soberana Rainha, rendeo com intimo affecto as graças por haver naquellas mãos encontrado a medicina. E para que mais avultasse o sacrificio, com o Real coração, que consagrou aos pés da Senhora, restituiu nos seus braços o Medico Menino, enlaçando os tristes affectos de faudofo com as finas demonstraçoens de agradecido. Imitemos pois aquelle

aquelle Real agradecimento , porque assim como a flor Gyrafol segue amante o Sol material , assim devemos imitar , e seguir as virtudes de hum Principe , que se mostra agradecido ao Divino Sol : que tudo disse Picinelo : *DIRIGOR AD MOTUM , VEL QUOCUMQUE IERIS. Nam, veluti Heliotropium ad Solis motum , ita populares semper in Principum mores , verti , atque formari.*

Panormit.  
lib. 2. c. 44.  
apud Fic.

O Angelico Doutor S. Thomaz fez distincão de duas medicinas. Huma, que se deve dar para a conservaçaõ da saude, outra, que se applica para remedio da infirmitade ; porque aquella medicina , que se applica aos convalescentes depois da febre , seria nociva, se a dessem aos febricitantes : *Nam medicina, quæ datur jam liberatis à febre ad confortationem , noceret si daretur adhuc febricitantibus.* Corra essa firme pratica entre outros Medicos ; porém não corra entre os Authores da Medicina. Houve medicina para a ardente febre do nosso Serenissimo Infante , porque os Soberanos Medicos Christo , e Maria extinguirão a actividade do incendio. Pois venha outra medicina , que em todo o tempo aproveita ,

Div. Thom.  
3. p. quæst.  
80. art. 4.

veita, na febre, e depois da febre. E qual he? A que compoem os cordeaes affectos de huns fervos, nesta acção de graças, que hoje oferecem pelas melhoras de hum Senhor, que como bom Principe, he pay: *Bonus Princeps nihil differt à bono patre.* Xenoph. E como aqui se elevaõ a segundos Medicos, parece que com elles fallou o sábio Rey Salamaõ, quando disse, que para os Medicos conseguirem a saúde para os seus enfermos, e para que aproveitem as medicinas, que applicaõ, devem rogar, e pedir a Deos as melhoras: *Ipsi verò Dominum deprecabuntur ut dirigat requiem eorum, & sanitatem.* Ecclef. c. 38. vers. 14. A faude a pedem quando agradecem, e por boca do Chrystostomo todos agradecem, e pedem. Notem.

*Gratias Deo agamus, qui tanta apud nos beneficia collocavit.* D. Chryf. homil. 10. in Genes. Demos muitas graças a Deos, e a sua Santissima Mãe, e Senhora nossa, porque com as melhoras do nosso Serenissimo Infante nos enriqueceo o seu amor com especiaes beneficios: *Neque enim grave aliquid, & onerosum à nobis requirit, sed solum ut testemur beneficia sua.* Nada, que seja penoso, nos pede, pois só pertende, que a nos-  
sa

fa obrigação confesse em altas vozes, dever ao seu infinito amor a conservação daquella vida: *Nam sic ipsum ad maiorem nostri sollicitudinem provocabimus.* Porque assim, conclue o Santo, he certo, que para o nosso assumpto, obrigaremos a Magestade Divina a hum novo, e especial favor, que he dar ao nosso Serenissimo Infante huma faude perfeita, concedendolhe por Nestorios annos a vida. E particularmente diga cada hum por si: *Gratias ago ei, qui me confortavit, Christo Jesu Domino nostro, quia fidelem me existimavit ponens in ministerio.* Rendo graças a meu Senhor Jesu Christo, porque me confortou naquelle martyrio de tantas penas, em que foy cruel verdugo hum justo receyo. Dou tambem muitas graças a Maria Santissima, sua ditosa Mãy, porque se com a falta de Sua Alteza, perdia a gloria de o servir, olhando para a fidelidade do meu amor, continúa a minha obrigação em taõ honroso ministerio: *Quia fidelem me existimavit ponens in ministerio.* E todos, aproveitandonos da occasião, que offerece liberal a nobre companhia, damos tambem muitas graças. Os Sacer-

1. Ad Timo-  
th. c. i. v. 12.

Sacerdotes pelo respeito, e veneração ao Estado Ecclesiastico. Os Grandes da Corte por aquella affabilidade no trato, que costuma dispensar o amor, sem offensa da soberania. Os Cabos de Guerra pelo affecto, que reconhecem à milicia; e os que são peritos na arte pela estimação das pessoas. As Religiosas pobres pelo continuado soccorro de alimentos. Os pobres Aldeanos pelo beneficio das esmolas; pois naquelle gostoso divertimento da caça, não abre Sua Alteza os olhos no bosque para a morte das feras, sem os haver aberto no campo para a vida dos pobres. Todos finalmente, imitando a discreta Matrona do Euangelho, damos infinitas graças aos Soberanos Medicos Christo, e Maria, porque em huma infirmitade de morte applicaram remedios para a vida: *Beatus venter, qui te portavit. Videns Christi beneficentiam in hominem, laudat eum in Matre sua: per Virginem enim, omnia nobis salutaria, ac benèfica.* E se do Signo Celeste de Virgem sahio o Sol Divino a curar o nosso Serenissimo Infante, e com natural propriedade vemos hoje ao Sol Sacramentado no

mesmo Celeste Signo ; justo he , que tambem demos graças àquelle Divino Sol.

Com grande acerto , e singular mysterio retrataraõ os Egypcios o Signo Celeste de Virgem. Nas delicadezas do pincel mostra-vaõ huma formosissima Virgem , sustentando nas suas mãos , douradas espigas de trigo. Sendo este retrato commum entre os Astrologos , lhe chamey mysterioso entre os Egypcios , pelo singular motivo , que os precisou ao retrato , ( notem ) para que aquelles , que esperassem algum beneficio do Deos Mercurio , o vissem nas mãos da Virgem collocado:

Marfil. Fi-  
cin. apud  
Villar. Tau-  
tolog. t. n.  
58. tom.6.

*Virgo pulchra geminas manu spicas habens : : :  
ut si quis expectet à Mercurio beneficium , col-  
locare eum in Virgine debeat.* O que suppos-

Bivero. De  
Euchar. Dil-  
fert. 3. q. 59.

to , tenho lugar para dizer , e digo : He aquel-  
la Purissima Senhora o Signo Celeste de Vir-  
gem , porque alli a vemos com as espigas do

Teat. de los  
Dioses. t. 1.  
pag. 538.

Sacramento nas mãos : *Spica Eucharistia est ,  
eaque purpurea ;* que disse Bivero. E como a  
Mercurio , no sentir de muitos , e graves Au-  
thores , se attribúe o invento da medicina ;  
parece quizeraõ dizer os Egypcios , que os  
enfermos , que esperassem faude para os seus  
acha-

achaves, foffem às mãos da Virgem a buscar as medicinas: *Ut si quis expectet à Mercurio beneficium, collocare eum in Virgine debeat.* E como das puríffimas mãos de Maria, como deixo ponderado, veyo a faude para o noſſo Sereníffimo Infante, e nas fuas mãos vemos o Sacramento, que he todo medicinas; demos tambem graças ao Diviniſſimo Sacramento.

Naquelle Soberana Hoſtia vemos com os olhos da Fé huma rendida acção de graças; e nella, diz o Chryſoſtomo, nos deixou Chriſto hum ſoberano exemplo, para que a noſſa correspondencia ſe moſtre ſempre agradecida: *Gratias egit antequam Diſcipulis daret Corpus, ſcilicet, & Sanguinem, ut etiam nos ab acçãoe gratiarum incipiamus.* E pergunto: eſtamos hoje obrigados a render graças a Chriſto no Sacramento, porque ſendo o homem humilde Vaſſallo, o eleva naquelle Throno à ſuprema dignidade de Rey, como diz o meſmo S. Joaõ Chryſoſtomo: *Qui hujus Sanguinis ſunt participes, ipſam Regiam ſtolam induti, imò ipſum induti ſunt Regem?* He certo: porque vendo taõ exaltada a noſſa humildade, he divida da noſſa obrigação hum

Chryſ. hom.  
83. apud Ef-  
cob.

Idem. hom.  
45. in Joaõ.

D. Aug. Tra-  
tact. 24. in  
Joan.

Joan. Haye  
in Gen. c. 6.  
verl. 3.

Hug. Card.  
sup. Luc. c.  
19. pag. 246.  
col. 4. t. 6.

perpetuo agradecimento. Mas com tudo, como os milagres tem linguas eloquentes, em penna de Agostinho : *Habent enim miracula linguam suam*; falle, conte, e diga o nosso milagre, porque damos hoje graças ao Divinissimo Sacramento. Porque he Christo no Sacramento, diz em voz do milagre o meu doutissimo Haye, huma Celestial medicina, que cura os nossos achaques : *Eucharistia medicina infirmitatibus hominum convenientissima*. Logo ainda que a nossa obrigaçaõ nos precise a render graças a Christo no Sacramento, porque nos veste de Divina purpura, constituindonos na suprema dignidade de Reys : *Imò ipsum induti sunt Regem*; diz o nosso milagre, que he pelas melhoras do nosso Serenissimo Infante. Pois querendo a infirmitade converter a soberana purpura em tristes mortallas, acudio a purpura do Sacramento a defenderlhe a vida : *Medicina infirmitatibus convenientissima*. E se he digno de louvor o Medico, que cura de graça, como diz Hugo Cardeal ; muitas graças merece, quem do seu proprio fangue compoem as medicinas : *Laudabilis est Medicus, qui gratis sanat*:

de acção de graças. 45

*nat: juperlaudabilis, qui de suo sanguine conficit medicinam.* Mas que louvores? pergunto eu. Os de Marcella: *Beatus venter, qui te portavit.* Porque sendo aquelle Sacramento fruto do Sol, e da Lua: *Nam Eucharistiæ cibus, fructus, & pomum est Solis, ac Lunæ;* devemos louvar ao Divino Sol Christo, medicinal fruto do ventre de Maria; e a Soberana Lua, que encheo de medicinas o Divino fruto. Para que sendo sem limite os nossos louvores, sejaõ infinitas as suas graças, que nos asseguraõ por este nobre agradecimento, com a saude temporal, o premio da vida eterna: *Ad quam nos perducatur. Amen.*

Arcon. in c.  
3. Isai. disc.  
5. num. 6.

*Rectum Deo, sinistrum autem mihi.*

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

